

Por uma evangelização eficaz

Introdução: Direito à verdade e evangelização

Antes de desenvolver o tema indicado, parece-me conveniente fazer uma observação inicial que delimite o contexto em que nos movemos e situe a evangelização como proposta eclesial que visa favorecer a realização plena da pessoa humana, de acordo com o projecto de Deus vivido plenamente por Jesus Cristo e prosseguido de tantas formas, sob a acção do Espírito Santo.

A liberdade religiosa reconhecida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos abarca não apenas a expressão das convicções pessoais e a prática dos ritos correspondentes ou a posse e utilização dos espaços e meios necessários, mas a difusão e a comunicação do corpo doutrinal, num quadro pluralista e secular, tolerante e respeitoso.

Toda a pessoa tem direito a que lhe seja comunicada a verdade de modo acessível e integral. Pelo esforço e pela investigação, deve tender, ao longo da vida, para fases superiores de conhecimento intelectual, de consciência crítica e de coerência ética. Sentir-se-á então em harmonia consigo mesma, cultivando os valores da honradez e da honestidade individuais, e em sintonia com tantas outras pessoas que percorrem os mais diversos caminhos na ânsia legítima de saciar a fome do espírito, sempre aberto a níveis cada vez mais elevados.

O direito à verdade é um serviço que exclui qualquer forma de proselitismo ou sectarismo, seja ele religioso, político, civilizacional, ou outro, que promove e liberta a pessoa, em todas as suas dimensões, que a ajuda a assumir a sua responsabilidade decorrente da cidadania universal e, sendo o caso, da sua fé cristã.

A parábola da semente (Mt 13, 3-9 e 18-23) convida-nos a lançar um olhar atento para a realidade complexa do serviço ao reino de Deus que a Igreja está chamada a efectuar. Além da qualidade da semente e da figura do semeador, surgem com especial significado e interpelação a técnica da sementeira e a qualidade do terreno. Oferece por isso um bom guia para a elaboração do presente trabalho em que os núcleos centrais da evangelização se revestem de modalidades pedagógicas de transmissão, em ordem a manifestar a energia escondida na Boa Nova, capaz de transformar a mentalidade da humanidade actual (EN 4) e de fazer surgir a civilização do amor e da vida (TMI 51). Abre também horizontes à acção pastoral da iniciação cristã em ordem a que cada baptizado possa alcançar a maturidade e a Igreja em permanente diálogo com o mundo possa sentir-se revigorada na missão pela força do Espírito e pela generosidade dos seus membros.

1. Um novo contexto para a missão

O homem actual vive uma diversidade de situações complexas e de caminhos entrecruzados. Está marcado por um modo de ser, se sentir e de reagir típicos. A psicologia decorrente manifesta um série de atitudes, de centros de interesse, de preocupações, de escala de valores que condicionam imenso a sua disposição face a tudo, designadamente às propostas da Igreja na área da evangelização. No entanto, é a ele que urge anunciar a boa nova, sem descurar qualquer âmbito em que desenrola a sua vida multifacetada (VS 7 e RM 37).

1.1. Psicologia social em constante renovação

Não é difícil reconhecer algumas características salientes na actual psicologia social e a sua evolução constante. Enumeram-se as supostamente mais significativas para o tema da evangelização.

- A centralidade da pessoa humana e o reconhecimento dos seus direitos surgem destacados na cultura actual, correspondendo a um sentir generalizado da sociedade ocidental com preocupações éticas e lançando “pontes” de contacto com os objectivos da realização do plano de salvação querido por Deus. Por isso, constitui a principal via da acção da Igreja (RH 14).
- O ser humano goza e aprecia a sua autonomia pessoal e colectiva, o valor das suas opções, a dignidade da sua consciência capaz de

tomar decisões livres. Esta característica é mais notória em países de recente construção democrática e pluralista, em classes desfavorecidas que podem reivindicar, sem medo de coacções. A Igreja defende a autonomia da consciência, mesmo quando erra nos seus juízos, e oferece-lhe o que tem de melhor para a ajudar na formulação dos seus critérios (GS 16).

- A mudança processa-se num ritmo acentuado e constante, profundo e envolvente (GS 4 e 5). Este ritmo é tão intenso que dá origem a uma espécie de trânsito cultural ou de mudança de época¹. Daí resulta a importância da atenção ao momento fugaz vivido intensamente, ao provisório sempre aberto ao definitivo, à tensão gerada em prol de soluções mais humanizadas; daí, a urgência da evangelização das culturas (GS 58).
- A catadupa de mudanças provoca a insegurança e, por vezes, o medo. O que vem pode constituir surpresa desagradável e agressiva. O sobressalto ameaçador irrompe na vida, desestabiliza o presente e gera a apreensão quanto ao futuro. O homem sente-se perdido no seu próprio mundo e interroga-se sobre o resultado do progresso, a bondade da obra das suas mãos; por isso tem necessidade de respostas que possam abrir-lhe horizontes de confiança e realização (GS 9 e 10).
- A busca de sentido para a vida faz-se por “caminhos novos” e dá origem a experiências intensas e vibrantes de emoção; aumenta o recurso ao esoterismo, às místicas orientais, às seitas; redescobre-se o valor do silêncio interiorizante, o jejum solidário que gera a partilha, o voluntariado para os mais diversos serviços numa afirmação clara do valor da gratuidade; reafirma-se a opção por causas nobres, sobretudo os empobrecidos pelo sistema ou os feridos pela natureza, com uma dedicação plena para a vida inteira. Esta busca de sentido revela as aspirações mais profundas do coração humano sempre peregrino e constitui a melhor possibilidade para a Igreja entrar em sintonia e proporcionar o encontro com Jesus Cristo: caminho, verdade e vida (Jo 14, 6).
- O sentimento de interdependência e solidariedade entre pessoas, grupos e povos vai fazendo caminho humanizante, bem como o

¹ Comissão Teológica USG, *Na Globalização: Para uma comunhão pluricêntrica e intercultural*. Lisboa: Ed. Paulinas, 2001, p. 15.

anseio profundo de paz alicerçada na justiça e a preocupação pela conservação ecológica da natureza; este caminhar indicia e manifesta a fonte dos valores criacionais (Gn 1, 27-31) que fazem parte da missão da Igreja no horizonte amplo da visão paulina (1 Cor 3, 22-23).

- A indiferença e privatização do religioso é um fenómeno crescente bem como a desconfiança em relação à Igreja-instituição, já que não se lhe reconhece qualquer direito a intervir na consciência livre de cada pessoa nem nas decisões de um Estado laico, expressão máxima da autonomia secular. Esta situação comporta um enorme desafio à evangelização, chamada a desvelar os valores da autêntica laicidade e da sua relação com a dignidade humana original reassumida por Jesus Cristo de forma plena (GS 22 e 32).
- A procura e divulgação de elementos expressivos do catolicismo tradicional intensifica-se como notícia e folclore ou resíduo cultural, deixando a descoberto a força dos símbolos populares, a apetência dos meios de comunicação pelo facto religioso e a raiz cristã da nossa matriz histórica.²
- A insatisfação de muitos agentes pastorais face aos “resultados” obtidos, a saturação de alguns perante a complexidade dos desafios emergentes, a verificação da progressiva redução da influência da Igreja nos valores que enformam a sociedade, provocam um estado de ânimo interpelante e uma sensibilidade vulnerável aos efeitos corrosivos da crise instalada. Saber ler “os sinais dos tempos” e procurar novos caminhos de realização da missão são urgências que reclamam atenção imediata e contínua (TMI 42 e 46).

Desta súpula, avoluma-se a consciência de que é preciso educar na complexidade de factores que interferem nas formas de pensar e agir das pessoas e da sociedade³, ressalta a novidade do contexto socio-cultural em que a Igreja está inserida e com o qual estabelece uma relação mútua e ambígua, que pode ser enriquecedora, e surgem marcos de um itinerário de evangelização a percorrer com ousadia confiante.

² Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Crise de sociedade, Crise de Civilização*. Lisboa: Ed. Secretariado Geral, 2001, p. 6.

³ Cf. Idem, *Educação: Direito e dever – Missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa: Ed. Secretariado Geral, 2002, p. 10.

1.2. A situação psico-religiosa

As pessoas, em relação à fé, podem adoptar atitudes de hostilidade e indiferença, de simpatia, de convicção, de compromisso em tarefas de colaboração, de integração na comunidade eclesial e de responsabilização por serviços ou ministérios. Desta diversidade, nascem as designações tradicionais de pagãos, catecúmenos e fiéis. A essa diversidade quer corresponder a gradualidade da acção da Igreja que para despertar a simpatia promove a evangelização e o que ela supõe e exige, para aprofundar a conversão inicial organiza o catecumenado ou a catequese de inspiração catecumenal e para revigorar as razões da fé propõe a formação permanente⁴. Frequentemente, esta acção concentra todo o processo de transmissão e de educação da fé, sem escalonar etapas nem distinguir conteúdos, embora surjam experiências muito significativas em paróquias e movimentos credenciados nesta área pastoral⁵.

Situação semelhante se revela normalmente na evolução para o matrimónio: o gosto por estarem juntos e serem companheiros, o aprofundamento do conhecimento mútuo no namoro, o acerto do mesmo projecto de vida no noivado, a celebração do casamento e a vida feliz em matrimónio. Quando estas fases não se sucedem com normalidade e ficam vazios por preencher, surgem frequentemente crises graves com desfecho imprevisível ou mesmo separações e divórcios.

Evolução parecida ocorre na evolução de quem adoece, sendo necessário corresponder-lhe com uma atenção pastoral adequada a cada fase do itinerário vivido, sobretudo na fase terminal⁶. A mesma verificação se pode fazer em qualquer fase da vida, reclamando igual solicitude e acerto de propostas.

Em resumo, tendo presente o vasto contexto de mudança que dá origem a uma nova sensibilidade face à vida e aos valores predominantes⁷,

⁴ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, Lisboa: Ed. SNEC, 1997, pp. 104 e 105.

⁵ Cf. Conferencia Europea de Catecumenado, *Los comienzos de la Fe*, Madrid: Ed. Paulinas, 1990.

Neste volume, um conjunto notável de autores reflecte sobre a pastoral catecumenal na Europa, hoje, e destaca o que une e diversifica as propostas de iniciação à fé em vários países.

⁶ Cf. Brusco, Angelo, *Humanización de la asistencia al enfermo*, Santander: Ed. Sal Terrae, 1999, p. 120. Este livro pretende familiarizar o leitor com a complexa problemática da humanização do mundo da saúde e estimular o envolvimento nos projectos destinados a servir de forma adequada o doente.

⁷ Cf. Rocha, G. Unidades Pastorais: desafio ou ameaça?. *Humanística e Theologia*, Faculdade de Teologia – Porto 2001, 22, 6-10.

atendendo ao direito de toda a pessoa a procurar a verdade e reconhecendo a missão da Igreja em fazer propostas que desvendam horizontes de maior realização às aspirações humanas, condensamos em alguns pontos nucleares a presente reflexão sobre a evangelização hoje, direito que se faz dever de todo o povo de Deus.

2. Jesus em missão

Na perspectiva deste trabalho, dá-se preferência ao estudo da personalidade de Jesus que se revela extraordinariamente rica, sobretudo no seu agir pastoral. É nela e por ela, tal como nos chega pelas comunidades cristãs primitivas, que se realiza o desejado encontro com o Cristo da fé. O agir diversificado abre-nos o acesso aos sentimentos profundos que revelam o seu Ser original e dão sentido à sua prática pedagógica. Jesus vive a comunhão com o Pai e realiza o projecto de salvação de que foi incumbido, fazendo opções claras e assumindo atitudes de proximidade solícita, de relação pedagógica, de atenção aos mais desfavorecidos, de comunicação acessível.

Em Jesus, encontra-se o modelo de prática pedagógica: num contexto bem delimitado, assume um objectivo preciso e mobilizador, lança mão a recursos viáveis e convergentes em ordem a alcançar o que pretende. Ele mesmo resume de forma lapidar aquele objectivo: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). A sua doação total converte-se em fonte inspiradora do agir pastoral que visa despertar e educar a fé cristã em todos os tempos e culturas. É energia dinamizadora que há-de impregnar qualquer acção eclesial e todas as disposições dos seus intervenientes. Convém, por isso, contemplar as opções básicas de Jesus e as constantes principais do seu agir paradigmático.

2.1. Alcance das opções de Jesus na sociedade judaica

As opções fundamentais explicitam a inteira adesão de Jesus ao projecto do Pai e expressam-se em comportamentos coerentes e consequentes. Destes comportamentos, destaca-se o seu estilo de vida casto, pobre e obediente, a sua linguagem acessível, o seu serviço em prol da dignidade humana, serviço de inclusão dos excluídos, de reabilitação dos oprimidos e despojados da sua honra, de promoção da solidariedade entre todos, da fraternidade humana universal porque originada na mesma fonte comum: a paternidade de Deus e o seu amor incondicional por cada pessoa.

São estes alguns dos recursos a que Jesus “lança mão” para fazer a evangelização do reino de Deus e, nele, de quanto está a favor ou contra na evolução dos valores criacionais moldados pela cultura judaica e dos povos circunvizinhos⁸.

Nesta cultura, a fecundidade biológica tem um especial significado por ser reconhecida como benção de Deus, riqueza familiar e participação no engrandecimento do povo judaico, garantia de futuro e de outros valores de grande projecção social, sobretudo da figura paterna.

Jesus, consciente de tudo isso, opta pelo celibato como forma de viver a castidade. A opção provoca reacções episódicas, de que se encontra ressonância na explicação dada aos discípulos a propósito da situação dos eunucos (Mt 19, 12). Não menospreza os valores criacionais do matrimónio, nem ignora a força “castradora” da natureza ou das suas modas culturais, mas aponta clara e inequivocamente o serviço ao reino de Deus, como razão primordial para a legitimidade de tal opção única, definitiva e exclusiva. O celibato de Jesus não radica na força profética do seu simbolismo como em Jeremias, nem na imagem ascética de João Baptista ou da comunidade dos essénios de Qumran, nem da inferioridade do status social da mulher ou do rigor das prescrições rituais em relação à sexualidade conjugal em certas funções, mas faz parte de um estilo de vida de absoluta comunhão com o Pai, de total disponibilidade para servir o seu reino, de incondicional entrega àqueles que Deus ama. É um celibato vivido de forma casta profundamente relacionado com o amor, impregnado de forte sensibilidade e de grande equilíbrio perante as pessoas e as situações, dotado de uma enorme fecundidade e gerador de uma nova forma de relação que desvenda outros horizontes de realização⁹.

A sua opção radical irrompe cintilante e provocadora nas acções que realiza, especialmente na heterogeneidade do grupo dos Doze, nas ceias em companhias socialmente rotuladas, nos milagres-sinais indicadores de um novo rosto de Deus que vem reabilitar os desfigurados e excluídos, considerados oficialmente pecadores. Explicita, desenvolve, aprofunda e

⁸ Cf. Bruce J. Malina, Richard L. Rohrbaugh. *Los evangelios sinópticos y la cultura mediterránea del siglo I*, Estella: Ed. Verbo Divino, 1996, pp. 319-409.

Neste volume, os autores recorrem às ciências sociais para caracterizar o contexto cultural e ajudar a fazer uma correcta interpretação dos textos escritos no século I no Mediterrâneo oriental. “Prescindir da informação sócio-cultural pode levar o leitor a projectar a sua própria situação e a privar-se da genuína mensagem que os documentos evangélicos estavam interessados em transmitir aos seus destinatários originais”.

⁹ Sanchez-Marco, Francisco. *El celibato de Jesús*, Santander: Sal Terrae, Mayo 5 (1988) 381-396.

justifica o seu proceder por meio de parábolas cheias de encanto, de discursos com enorme alcance e beleza doutrinal, de sentenças e ditos impregnados de sabedoria, de gestos de grande solicitude e entrega, de coragem ousada no embate final com os seus adversários, de doação plena e confiante nas mãos do Pai, na hora suprema da morte e da ressurreição.

2.2. Atitudes pedagógicas consequentes

a) A relação de Jesus com os discípulos e outras pessoas é diversificada. Não tem um comportamento uniforme. Encontra a melhor forma para comunicar com o jovem rico, com Nicodemos, com Herodes. Vive atento à situação das pessoas, como a da viúva que lança a oferta no templo (Mc 12, 41-44). Pressente os problemas dos que se aproximam e age de forma adequada a cada um: a sogra de Pedro (Mc 1, 29-3), os primeiros discípulos cheios de timidez (Jo 1, 38). Descobre as convicções profundas de quem o procura e pretende algum benefício seu, como os que trazem o paralítico (Mc 2, 5). Sofre com a recusa do convite feito ao jovem rico (Mc 10, 21). Surpreende-se com a incredulidade dos nazarenos (Mc 6, 6). Preocupa-se com a fome das multidões (Mt 15, 32). Situa as pessoas no seu contexto social, como o cego de nascença (Jo 9, 1-41). Olha-as com visão profunda, penetrando no seu interior, como os fariseus tentadores (Mt 22, 18). Nunca faz milagres para se impor e afirmar, mas para servir e animar a pessoa humana (Jo 5, 1-9).

b) A relação pedagógica de Jesus expressa-se em atitudes que revelam os sentimentos profundos que lhe dão sentido: A *paciência* para com os discípulos (Lc 9, 45) e o *cuidado* que dispensa à caminhada de cada um; o *diálogo* com os interlocutores: Nicodemos, Judas, Lázaro, escriba sem nome (Lc 10, 25-27); a *estima* por cada pessoa e a *valorização* dos seus esforços (Mt 8, 10; Lc 19, 3-5); a *organização* da acção, de forma educativa, ouvindo sugestões, tomando decisões e repartindo responsabilidades (Jo 6, 1-15); a *programação do trabalho missionário*, constituindo equipas, dando orientações, revendo as formas de proceder e fazendo leitura em profundidade do que havia ocorrido (Lc 10, 1-24).

As atitudes referidas constituem uma expressão qualificada do modo de proceder de Jesus, delimitam alguns contornos da sua prática pedagógica e oferecem um paradigma inspirador para a missão dos evangelizadores de todos os tempos.

c) A atenção aos empobrecidos de tudo e marcados pelo ferrete da marginalização social constitui um dos sinais messiânicos apresentados

aos perplexos enviados de João (Mt 11, 4-6). Esta indicação actualiza no tempo o que Jesus realiza na encarnação e abre horizontes de compreensão à opção kenótica que se verifica em toda a sua vida.

Jesus assume a condição humana e, nela, o escalão social mais baixo (Flp. 2, 6-8). Vive e morre pobremente. Usa recursos sóbrios na realização da missão. Dedica aos doentes e proscritos da sociedade uma especial atenção e chega ao ponto de se identificar com eles. Sem excluir ninguém da sua companhia, opta claramente pelos que foram postos à margem e arrastam consigo o peso da maldição. Faz do serviço aos doentes e empobrecidos um sinal distintivo dos seus discípulos. A senha da missão passa a ser “O que fizestes a um destes mais pequeninos foi a Mim que o fizestes” (Mt 25, 40).

A relação entre as pessoas adquire um novo sentido: é relação com Ele e com Deus, é vínculo humano por onde circula o amor divino derramado em nossos corações, é despertador de simpatia e credencial de fraternidade. “Vede como se amam; vede como nos amam” – exclamam cheios de admiração os que podiam testemunhar aquele estilo de vida.

A atitude humana e a solicitude pastoral credibilizam o agir pastoral. Atender e acompanhar os que sofrem, bem como os que se lhes dedicam na família ou no hospital quer como profissionais quer como voluntários, de modo que possam beneficiar do apoio indispensável à sua evolução bio-psicológica e espiritual, constitui tarefa exigente que faz parte da Pastoral da Saúde, amplo campo de evangelização¹⁰.

Jesus alarga os horizontes do conceito de proximidade e insiste na necessidade de cada um se fazer próximo de quem está em situação difícil (Lc 10, 29 e 37), abrindo horizontes infundáveis à pastoral social e incitando os seus discípulos a tomarem a iniciativa para ajudar as pessoas a resolverem os seus problemas e a renovarem as organizações e estruturas correspondentes da sociedade¹¹.

d) Da praxis pedagógica referida, Jesus emerge como o comunicador do projecto de Deus Pai, por excelência (CP 11). N’Ele, a comunicação atinge a plenitude. Pela encarnação Jesus Cristo faz-se “semelhante”

¹⁰ Cf. Brusco, Angelo e Pintor, Sergio, *Tras las Huellas de Cristo Médico: Manual de teología pastoral sanitaria*. Santander: Ed. Sal Terrae, 2001, pp. 46-47.

Este manual apresenta sob a forma do ícone Cristo médico o ministério terapêutico de Jesus em favor dos doentes do corpo e do espírito e oferece aos leitores as bases teóricas da acção pastoral que a igreja está chamada a realizar nesta área tão exigente da sua missão.

¹¹ Cf. Barbeito Diez, Mercedes, La Iglesia promotora de la fraternidad y la solidaridad en una sociedad desigual, *Corintios XIII*, nº 101, Enero-Marzo (2002) 137-164.

àqueles que vão receber a mensagem de salvação, assumindo a sua condição, pondo-se na sua "pele", vivendo as mesmas situações e, a partir daí, ajudando-os a caminhar para a realização plena.

Consequente com a encarnação, Jesus opta por um estilo de vida reveladora do absoluto de Deus e usa uma linguagem diversificada, sobretudo narrativa, cheia de realismo, de significado e de interpelação-apelo. Faz-se judeu, vive a cultura do seu povo. Dando-se a si mesmo, comunica o projecto do Pai. Enfrenta aqueles que se lhe opõem. Esta atitude torna-se mais expressiva quando livremente doa a vida, assumindo o caminho hostil que o leva confiante à crucifixão, à morte e sepultura. É aqui no mais completo aniquilamento, que surge a feliz ressurreição por intervenção de Deus Pai.

A doação-comunicação que Jesus Cristo faz continua a atingir a expressão máxima na entrega da sua vida, feita na celebração da Eucaristia e no envio do Espírito Santo que é fonte de unidade e de diversidade.

Jesus Cristo "constitui" a Igreja como sacramento da comunicação de Deus com a humanidade, encarregando os seus discípulos de prosseguirem a sua missão. É esta vontade positiva que lança as bases da evangelização, tendo em conta o modo de ser humano. A estrutura da revelação manifesta-se no diálogo de salvação (ES 65). Sem comunicação, a evangelização não suscita o desejo da conversão. Daqui nasce interpelante o desafio da comunicação entre os cristãos, as suas comunidades e movimentos, em toda a Igreja, e desta com o mundo em atitude recíproca. Este desafio lança o repto da criação de uma nova psicologia pastoral, da renovação das mentalidades e da reforma das estruturas de modo que a instituição eclesial surja como instituição mensagem, cada vez mais atraente e irradiante.

3. Kérygma: a novidade cristã

A Igreja apresenta um notável conjunto de iniciativas ao serviço da expressão religiosa e da transmissão da fé: anúncio missionário, catequeses, aulas de educação moral, celebrações, devoções e outras de pendor mais socio-caritativo. A finalidade de cada uma nem sempre manifesta a sua relação com a fé cristã, com a centralidade de Cristo, morto e ressuscitado pela salvação do mundo, com a acção impulsionadora do Espírito que não desiste de recriar uma nova humanidade. Com esta situação pode repetir-se o episódio do caminhante que, espantado com a floresta não descobre a árvore, nem aprecia a sua originalidade e beleza.

3.1. Núcleo central da evangelização

A evangelização tem como núcleo central o kérygma (Act. 2, 22-24 e 32-47; 17, 22-31; Mt 3, 1-3, Mc 1, 14), feito ao jeito de pregão apostólico que anuncia jubilosamente a salvação humana realizada por Cristo, graças ao amor misericordioso de Deus, e prosseguida pela Igreja, sacramento primordial do mistério pascal. Outras vias de que o Senhor se serve para salvar a humanidade estão relacionadas com este acontecimento central, embora de forma misteriosa no âmbito da realização do projecto do Pai.

O kérygma reveste um estilo peculiar: é pessoal, afirmativo, evangélico, sincero, alegre, seguro, misericordioso, nuclear, adaptado, afectivo, curto, incisivo, interpelante; é verdadeiramente a notícia que transforma a vida.

3.2. Elementos do kérygma

Em todos os pregões, há três partes bem diferenciadas: uma situação de vida que constitui o ponto de partida e lança "a ponte" com o mundo sentido pelos ouvintes, o anúncio de Cristo e da sua intervenção naquela situação por interposta pessoa-testemunha; e uma chamada entusiasta e interpelante à conversão: aceitar a salvação oferecida por Deus. e corresponder-lhe com uma vida coerente.

Os elementos do kérygma são sempre três (Act 2, 14-39). No acontecimento do Pentecostes, a situação de vida expressa-se em vários elementos que provoca os ouvintes: fenómenos atmosféricos estranhos fazem convergir a atenção para o grupo dos Doze. Este grupo, tendo Pedro à frente, apresenta-se a falar línguas com atitudes de ousadia confiante, a fazer o anúncio explícito e corajoso de Jesus Cristo. É um anúncio caloroso, centrado no que aconteceu naqueles dias, na entrega generosa de Jesus de Nazaré em benefício do povo, na rejeição ostensiva dos chefes político-religiosos verificada por muitas testemunhas, na intervenção libertadora de Deus Pai que O ressuscita. Este anúncio feito por Pedro é credenciado pelos Doze. Deus depõe a favor d'Aquele que fora eliminado, dando-lhe razão como previam as Escrituras. Fica apontando o caminho a seguir, como bem expressa a pergunta dos presentes e a resposta dos anunciadores. O apelo à conversão traduz a transformação interior operada pelo Espírito, tendo os Doze como "porta-vozes". A aceitação de Jesus como salvador implica o início da vida de discípulos, o reconhecimento dos pecados, a entrada na comunidade.

Às vezes, as fases do Kérygma são narradas de forma explícita; outras estão sincopadas. Os judeus e os gregos situam-se em níveis diferentes em relação à adesão ao projecto de Deus; por isso o anúncio é feito de modo diferente. A evolução que vem a registar-se nos relatos evangélicos e nas cartas paulinas não é de oposição, mas de integração “na visão do cristianismo primitivo e no anúncio da vinda do reino de Deus na pessoa e actividade messiânica de Cristo Salvador”¹².

3.3. Pluralidade de formas kerygmáticas

Kérygma significa arauto e pregão, tanto no acto de proclamar como no conteúdo da exposição. Praticamente é sinónimo de Evangelho, portanto anúncio de intervenção salvífica de Deus, feita por palavras e obras, mutuamente relacionadas entre si, que interpelam os ouvintes e os levam a reagir vitalmente. Há uma diversidade de formas kerygmáticas, como pode verificar-se na pregação de Pedro e de João ou de Paulo (Act 2, 14-39; 3, 12-16; 4, 5-12; 10, 34-43; 13, 16-41; 14, 15-17; 17, 22-31). Também o seu desenvolvimento é diferente. Nunca lhes falta o núcleo central: Jesus Cristo, rejeitado e morto, foi ressuscitado por intervenção de Deus Pai. Ele é o Senhor que nos salva pelo seu Espírito em Igreja.

3.4. A Igreja e a pastoral kerigmática

Jesus proclama as bem-aventuranças em que traça o perfil do homem novo e as suas atitudes de vida, morre pela defesa intransigente da dignidade da pessoa humana, é ressuscitado pelo Pai que lhe dá razão, aprovando para sempre a sua práxis. A causa a que se entrega totalmente e que vem a selar com a morte de condenado corresponde ao projecto de Deus, tendo por isso valor definitivo.

O kérygma cristão consiste fundamentalmente em afirmar que Jesus é o Senhor, fazendo imbuir tudo na Igreja e no mundo desta novidade radical, que se há-de revelar plenamente na escatologia. É o mensageiro esperado da alegria que faz surgir um novo tempo: o da salvação; e exige uma atitude nova: a adesão confiante à sua pessoa e a relação filial com Deus Pai.

Jesus com o seu proceder inverte o sistema de valores predominante na sociedade judaica e em todas as outras que se lhe assemelhem. É o

¹² Caballero, B. *Pastoral de la Evangelización*. Madrid: PS Editorial, 1975, p. 126-127.

que aparece claramente nas bem-aventuranças proclamadas no sermão da montanha. Ao declarar “felizes os pobres”, “felizes os construtores da paz” e outras categorias contrastantes com a escala dos valores da cultura judaica, Jesus está a demonstrar a apropriação feita pelos mestres de Israel dos valores preceituados que legitimam a situação; questiona também as infra-estruturas de uma sociedade que se supunha sólida e inamovível porque alicerçada na observância rigorosa do querer de Deus. Sem legitimação teocrática, que segurança lhe pode restar?! Por isso, resolvem eliminá-lo como bem atesta Caifás (Jo 11, 49-50).

A Igreja, na esteira de Jesus, está chamada a ser coerente com este modo de ser, de ver e de agir. Tem necessidade, por isso, de voltar à pastoral kerygmática e de os seus agentes se deixarem imbuir pelo seu estilo (EN 9 e 14; DGC 62).

Há movimentos e propostas na Igreja que procuram situar-se, cada vez mais, neste âmbito, designadamente a Missão Popular em moldes actualizados, os Cursos de Crandade, os Convívios Fraternos, o Despertar da Fé e o Nascer de Novo, a Fraternidade Verbum Dei. Estes são apenas uma evocação de tantos outros que se esforçam por realizar este anúncio jubiloso e, à maneira de estrelas, brilham num céu quase desértico, onde o luar de outras iniciativas vai dando sentido à noite. O desafio à criatividade pastoral é de sempre e revela, hoje, uma actualidade impressionante.

É preciso valorizar o ser eclesial tipicamente comunitário, marcado pelo estilo de vida evangélica, profundamente confiante no homem que Deus ama, centrado no essencial, aberto à esperança, próximo de todos os que sofrem e estão vitimizados pelo sistema hegemónico da sociedade ocidental. “O mandamento de Cristo ‘ide e curai’ mostra-se complementar do ‘ide e ensinai’ e do ‘ide e baptizai’”. Jesus não separa nunca a sua actividade terapêutica da proclamação do Reino. ‘Curar os doentes’ e ‘anunciar o Reino’ são dois aspectos complementares da acção evangelizadora”¹³.

Uma Igreja que vive a comunhão em todas as suas dimensões é o melhor meio de promover a pastoral kerygmática. Está atenta ao que vai acontecendo, cultivando um modo de ver a partir de análises feitas com critérios evangélicos, sem rótulos prévios nem moralismos bloqueadores. Procura ser realista, alimentar a esperança, apesar das sombras existentes, e fomentar um espírito saudável. Faz a leitura dos factos e estabelece a relação existente entre eles, a fim de descobrir as tendências de futuro como

¹³ Brusco, Angelo e Pintor, Sergio. *Tras las huellas de Cristo Médico*, o.c., p. 147.

expressão do evoluir da história onde Deus actua e aponta os caminhos de humanização e evangelização. Organiza a acção pastoral privilegiando a relação de Jesus Cristo com cada pessoa situada no seu contexto existencial e na sua comunidade eclesial. Oferece uma mensagem com rosto humano, sentido vital, força interpelante. Credencia com uma forte espiritualidade e adequada pedagogia os arautos – pessoas e comunidades – que são como que a “boca falante” de Jesus Cristo e do seu Espírito enviado pelo Pai. Acolhe e acompanha nesta fase inicial todos os que se dispõem a converter-se e a entrar no discipulado, dando uma resposta positiva ao convite oportuno que, vibrante, lhes ecoou no coração.

4. Testemunho: abrir caminhos à fé

Num mundo saturado de palavras, como fazer ouvir a Palavra de Deus?! Numa cultura em que predominam as imagens que transformam o espectador em participante, como abrir caminhos e dar rosto humano à mensagem cristã?! Numa sociedade complexa e pluralista, em que surgem muitas propostas e se cruzam outras tantas ofertas, como libertar a conatural aspiração do homem para Deus e credenciar o serviço de evangelização?! Numa Igreja marcada pela limitação dos seus membros e pelas sombras das suas instituições, como criar condições para que irrompa e se manifeste o Espírito da verdade e da vida?!

A nossa época ouve mais as testemunhas do que os mestres e, se presta atenção a estes, é porque são também testemunhas (EN 41). A Igreja – continua Paulo VI – realiza a evangelização do mundo, antes de mais pelo testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade; testemunho de santidade de quem vive entregue nas mãos de Deus e dedicado ao próximo, sem limites.

No testemunho, destacam-se três elementos básicos: a pessoa, a mensagem e os meios adequados de transmissão, e os destinatários. Quando há uma boa articulação entre eles, o testemunho constitui a auto-revelação da pessoa e suscita no destinatário a interpelação, a aceitação e a confiança. Surgem perguntas que exigem resposta. Assumem-se compromissos que responsabilizam e se expressam na presença, participação e solidariedade. O testemunho que evangeliza diz respeito a todos os cristãos (EN 21). A palavra vem iluminar, dar razões, explicitar o estilo de vida credenciado pelo comportamento assumido. A testemunha constitui-se assim em garante inicial do valor da palavra anunciada e em fiador convicto de que vale a pena aceitar a proposta (Jo 4, 39-42).

O testemunho de Deus tem duas dimensões: a externa que brota da actuação dos profetas, de Cristo, dos apóstolos, da Igreja; a interna que é fruto da voz e intervenção do Espírito no coração dos fiéis e se traduz na graça da predisposição, iluminação e aceitação, e na coerência de vida (Jo 5, 37; Jo 5,6; Mt. 11,25).

4.1. *Jesus, a testemunha fiel de Deus*

Rosto visível de Deus invisível, Jesus testemunha um reino com valores universais, realizando gestos e pronunciando palavras, que estão em consonância com as necessidades das pessoas, abrindo-as a dimensões originais. É o que se verifica na multiplicação dos pães (Jo 6, 1-14 e 51-58). O testemunho de Jesus é explicitado, enriquecido, revelado por palavras e por obras intimamente ligadas entre si. Este testemunho culmina num processo ou julgamento no qual Jesus se compromete totalmente até ao fim.

Em toda a sua vida, Jesus revela a sintonia com Pai, com a realização do projecto divino, com a dignificação da vida humana. Testemunha esta sintonia na normalidade das situações concretas, assumindo as atitudes correspondentes. Por isso pretende refazer os laços da fraternidade que a sociedade judaica havia adulterado e abrir horizontes de maior plenitude às aspirações latentes no coração humano. O objectivo da sua missão é estar ao serviço da vida em abundância (Jo, 10, 10). Assim, glorifica o Pai que se revê em cada pessoa e na humanidade inteira chamada a constituir-se em família por intervenção do Espírito.

4.2. *A Igreja, testemunha de Jesus Cristo*

A Igreja, por vontade expressa de Jesus, continua a realizar a sua missão. Confiante, apesar das limitações que sempre a condicionam, assume o imperativo do “ide e anunciai”, “ide e curai”, “ide e fazei” discípulos até aos confins da terra. Peregrina, está chamada a ser testemunha em cada época e cultura. Fiel, embora sujeita à tentação, prossegue os caminhos do mundo com ousadia profética.

A Igreja, mediante o seu serviço humilde e generoso, testemunha o empenho de Deus em estabelecer um reino de justiça e de liberdade, a partir dos pobres da terra, que fazem das bem-aventuranças um ideal de vida e estão na vanguarda da renovação e da transformação pacífica das situações de injustiça.

Este testemunho profético é radical, permanente, solidário, vivido em todas as circunstâncias com a consciência clara de que ao querer soberano de Deus se opõem frequentemente estruturas e atitudes injustas e pecaminosas; se opõe o 'pecado organizado'.

O testemunho de revelação faz pressentir o que está escondido e vai aflorando em atitudes e gestos acessíveis, provoca interrogações estimulantes de buscas sempre necessárias na esperança de receber respostas sempre desejadas (EN 21). A testemunha como que empresta a Deus o seu olhar e a sua palavra. Se um cristão pactua com as injustiças não revela nada, nem testifica coisa nenhuma, "torna-se filho da mentira" (Jo 8, 44-45).

A dimensão do testemunho de fé tem aspectos de novidade (Sab. 2, 12-16). É testemunho de fé que anuncia e testifica, com o seu constante compromisso no dia-a-dia, aquilo em que acredita e quer transmitir: Jesus é o Senhor que nos salva. Viver este compromisso de forma coerente pode levar ao martírio – acto supremo da testemunha da fé.

As dores do mártir são sofrimentos indevidos e injustos, provocados por um sistema idolátrico ou por acções de indivíduos-grupos que perseguem as implicações sociais ou políticas contidas no testemunho de fé. Normalmente, a ninguém se condena à morte por uma fé sem implicações, descomprometida, "descafeinada", reduzida ao âmbito privado da consciência. Afirmar que Jesus é o Senhor é sempre dar testemunho, denunciar nas situações concretas a falsidade de muitos ídolos, de estruturas e sistemas opressivos de todos os tipos: político, económico, cultural, religioso, social.

4.3. O cristão, testemunha de Jesus Cristo no mundo

O cristão é testemunha de Jesus Cristo que nos revela o Deus da vida, a esperança dinâmica em conseguir a realização plena do reino já começado e ainda não acabado. Realiza esta missão num mundo de contradições, cheio de luzes e sombras, de avanços e recuos, capaz do melhor e do pior. Testemunhar a esperança exige colocar-se no coração do mundo e de quem mais sofre as consequências dolorosas das situações desumanas e, a partir daí, promover a vida, a verdade e a fé¹⁴.

Promover a vida e a sua progressiva qualificação está relacionado com a educação para os valores humanos e a escala em que se hierarquizam,

¹⁴ Cf. Floristán, Casiano. *Testimonio*, in Floristán C e Tamayo, Juan José., *Conceptos Fundamentales de Pastoral*. Madrid: Ed. Cristiandad, 1983, p. 997.

para os direitos fundamentais e a sua concretização específica. Deste modo, o caminho para a evangelização fica aberto e preparado para ser percorrido com propostas da novidade que vem de Jesus Cristo – o Homem Novo (GS 22).

Destacam-se hoje valores humanos como a consciencialização da justiça social, a defesa da liberdade, a prática da solidariedade, a ética do comportamento, o voluntariado em qualquer das modalidades de entrega generosa ao serviço gratuito dos outros, a interioridade e a criatividade, a abertura ao Transcendente.

Defender a verdade é ser fiel, agir honradamente, viver a justiça impregnada de amor, ter um compromisso com a realidade. Uma especial atenção deve ser dada à corrupção da verdade que se expressa nas atitudes fundamentalistas, fanáticas e sectárias. A autoridade religiosa, quando dá primazia à ordem sobre a justiça, à unanimidade imposta sobre a liberdade, à centralização sobre as iniciativas de participação alargada, manifesta sintomas claros desta inversão de valores.

Testificar a fé é saber apreciar o humano, no qual vai irrompendo o divino para o plenificar. Trata-se de ser solidário com todas as causas da justiça, de se preocupar com a busca do sentido para a vida pessoal, comunitária e organizada em sociedade, de estar sensível e valorar todos os direitos humanos fundamentais, de se comprometer verdadeiramente com tudo o que promove a vida humana integral.

É reconhecer-se discípulo de Jesus Cristo e optar pelo estilo de vida das bem-aventuranças. É promover iniciativas de libertação que, mediante a consciência crítica, ajudam a fazer surgir a nova humanidade. É assumir a dimensão social do cristianismo, sem medo inibidor ou simples ingenuidade.

Testificar assim a fé no mundo é conhecer, viver e difundir a Doutrina Social da Igreja, entendendo-a como conjunto das verdades cristãs com incidência social. Trata-se de mostrar ao mundo indiferente e descrente que ser pessoa crente em nada diminui o humano, mas o plenifica por meio da fé em Jesus Cristo (EN 21 e 41; GS 19 e 20; AG 11).

5. Por uma evangelização mais eficaz

Na realização da missão evangelizadora, a Igreja não pode descurar nada do que humana e tecnicamente pode ser veículo do Espírito e suscitar a eficácia desejada. A evangelização é uma acção teândrica, onde colaboram Deus e o homem. É por meio da palavra, do gesto e do silêncio

que Deus quer normalmente intervir e ajudar o homem a realizar a comunhão plena com Ele: a conversão expressa na renovação pessoal, na reforma das estruturas. Ainda que resumidamente, apresentam-se os elementos mais consistentes da tríade mediadora.

5.1. A palavra e seu valor epifânico

A palavra é epifania do homem, expressão do seu ser, do seu valor e das suas utopias. Além de comunicar, a palavra interpela, cria dinamismo, provoca respostas, gera compromissos. À luz da fé também a palavra de Deus tem valor especial e pode provocar graus diferentes de eficácia¹⁵. Suposta sempre a liberdade do Espírito que sopra onde e quando quer (Jo 3, 7-8), há várias condições humanas e circunstâncias ambientais que podem facilitar, ou não, a eficácia desejada e configurar a palavra de diversos modos. Surge então a palavra piedosa, litúrgica, sacramental e eucarística.

A palavra piedosa é a Palavra de Deus lida ou interpretada individual e piedosamente. É ocasião de graça actual pendente apenas das disposições de quem a profere e a escuta. Dá origem aos múltiplos exercícios de piedade.

A palavra litúrgica é a mesma Palavra instituída por Cristo ou pela sua Igreja, proclamada em contexto celebrativo de acordo com as orientações litúrgicas, apresentada pelo ministro legítimo. Estas circunstâncias favorecem um clima espiritual de maior eficácia que vem a predispor os participantes na assembleia a cooperar mais com a graça do Senhor e a entrar na fase actual da economia da salvação.

A palavra sacramental é a Palavra relacionada com os sacramentos. Aqui a eficácia da palavra tem especiais garantias. Como afirma Santo Agostinho: "Para quem não põe obstáculos, o sacramento (palavra e acção) opera por si mesmo"; "Junta-se a palavra ao elemento e acontece o sacramento". Ou S. Tomás, no hino da festa do Corpo e Sangue de Cristo: "O Verbo feito carne faz da sua carne pão verdadeiro".

A palavra eucarística expressa o grau máximo da eficácia. Nela, a palavra une-se em harmonia com a liturgia em admirável fusão. Ao anunciar o acontecimento pascal de Cristo e ao realizá-lo de modo sacramental, a eucaristia constitui o kerygma radical, feito sacramento audível e palavra visível, como garante Santo Agostinho. Nesta celebração, fundem-se

¹⁵ Cf. Floristán, Casiano. *Teología de la Acción Pastoral*: Madrid, La Editorial Católica, BAC, 1968, p. 322.

na mesma acção a realidade misteriosa e eficaz da palavra e os elementos que fazem a eucaristia. O sacramento eucarístico dá especial consistência à palavra. Aqui a palavra tem a eficácia da acção de Jesus Cristo.

Em conclusão, a Palavra de Deus é sempre a mesma e vai adquirindo expressão cada vez mais consistente e personalizada por força da própria economia da salvação e das circunstâncias envolventes das pessoas participantes. A sua eficácia está condicionada também por esta realidade geradora de disposições interiores diferentes.

5.2. Silêncio: tempo fecundo de ressonância interior

"O silêncio é indispensável para ouvir a ressonância da voz do Espírito nos corações e para unir mais estreitamente a oração pessoal com a palavra de Deus e a voz pública da Igreja" (IGMR 23).

O silêncio abarca a pessoa toda nas suas diversas dimensões: biológica, psicológica, intelectual, espiritual. Ter o ser humano pacificado e sentir a sua harmonia, é dispor de uma base admirável e consistente para que a palavra seja acolhida no coração e possa ressoar na assembleia.

É importante saber calar as vozes perturbadores para poder ouvir o outro, tenha ele o rosto que tiver, a consciência pessoal e os seus apelos, a família e a multiplicidade das situações, os colegas de trabalho, de estudo ou de lazer, a natureza, Deus; esta forma de silêncio está muito relacionada com o autocontrole e a educação.

É igualmente necessário pacificar os impulsos instintivos, de atracção ou de repulsa, de euforia ou de depressão; o silêncio bio-psíquico cria condições favoráveis a que o espírito exerça o seu influxo sobre aqueles impulsos e os transforme ou sublime.

Também a inteligência precisa de se libertar de tudo o que a dispersa e impede de alcançar a sabedoria; urgência semelhante ocorre com a vontade a fim de querer o bem e de tomar decisões oportunas. Este silêncio libertador abre horizontes ao espírito para se deixar atrair pelo amor à verdade, contemplar o belo, gozar a satisfação da comunhão alcançada, apreciar a experiência de Deus vivenciada¹⁶.

A esta luz, capta-se melhor o valor do silêncio enquanto meio de humanização e oportunidade de evangelização; conseqüentemente importa ser coerente e adoptar atitudes correspondentes na vida pessoal e

¹⁶ Cf. Movimiento por un Mundo Mejor. Silencio y Palabra, *Comunicandonos* n° 35, Octubre 1997, pp. 3 e 4.

comunitária, sobretudo nas áreas em que a “poluição sonora” provoca a intoxicação do espírito e faz degenerar a saúde mental. É preciso que o Eu surja com mais intensidade e a palavra possa ressoar com a tonalidade própria de quem a saboreou e quer oferecer como dom aos outros: nas celebrações, nos encontros de reflexão ou em qualquer outro espaço de diálogo.

O silêncio proporciona a realização de três funções básicas na comunicação pastoral:

- predispõe as pessoas para acolher a mensagem e aprofundar conteúdos, relacionar factos e assimilar gestos, captar o sentido e reflectir sobre o seu alcance na vida pessoal e social; o silêncio tem uma função interiorizante;
- cria condições para o encontro, disponibilizando o coração, enriquecendo a comunicação, revelando o eu impregnado da nova energia que a mensagem lhe suscita, abrindo a própria consciência onde Deus, o mundo e os outros se fazem presentes e são “vivos”, sofridos e apreciados; o silêncio enriquece e valoriza;
- estimula a partilha, acolhendo com alegria o que os outros oferecem e transmitindo com humildade confiante o que a palavra sugeriu, a reflexão amadureceu, o amor preparou para os demais; o silêncio faz-se doação.

Assim, “o amigo do silêncio” pode fazer a sua ressonância, dar voz à palavra, revesti-la do matiz que provém do seu ser pessoal e revela a sua originalidade. Deste modo, pode comunicar o seu modo de captar e viver o amor de Deus que, por meio de cada um, se quer revelar presente e actuante na história da salvação. Consequentemente, evangeliza em profundidade, dando um novo sentido à vida, uma nova esperança aos esforços de humanização e de solidariedade, uma nova certeza às convicções dos que lutam por um mundo melhor.

5.3. Gestos: linguagem física da vibração do espírito

Os gestos procedem da corporeidade humana, têm um sentido profundo, revelam e fomentam a sintonia da unidade entre o corpo e o espírito. No fundo são a expressão corporal de quem reza e se compromete, em resposta à mensagem recebida. Envolvem a pessoa por inteiro, abarcam o homem em todas as dimensões e fazem convergir para a unidade da comunhão a multiplicidade de sentimentos e afectos, de pensamentos e ideias. Constituem verdadeiramente o rosto humano da relação conseguida, da atitude fundamental alimentada. A linguagem dos gestos-sinais é

profundamente significativa e, por ela, entreabre-se a porta do Invisível, intui-se a proximidade do Outro, realiza-se uma das formas mais qualificadas da presença de Cristo (SC 7).

O estar de pé, sentado, ajoelhado ou prostrado, o ter as mãos erguidas como o presidente, dadas como irmãos na assembleia ou entrelaçadas como amigos e vizinhos participantes no mesmo grupo, o caminhar em procissão ou em movimentação na zona do altar, a colocação do olhar, e tantos outros gestos e símbolos estão ao serviço de uma realidade mais profunda: levar a pessoa toda a entrar em relação filial com Deus e fraterna com os outros¹⁷.

Os gestos fazem parte da pedagogia dos sinais, indispensável à evangelização. Jesus recorre frequentemente à sua força expressiva na realização da missão. E preocupa-se com a compreensão do sentido que os mesmos comportam, dando explicações complementares, quando necessário (Mt 13, 18-23; Jo 13, 12-17). “Entendestes o que vos fiz?” – pergunta solícito, após o cerimonial do lavapés.

Os gestos ao serviço da evangelização não-de estabelecer “a ponte” entre quem os faz, a mensagem que visam transmitir e a compreensão dos destinatários-intervenientes. Da harmonia conseguida depende em grande parte a criação das condições favoráveis “à germinação “ da semente, à eficácia da Palavra, ao início do processo de conversão rumo à maturidade cristã. A cultura actual é particularmente sensível nesta área do agir humano, pois são os gestos adequados a melhor epifania das testemunhas. Daí, a importância da renovação de tudo o que pretenda transmitir a fé na sociedade secular, designadamente as formas de presença, de linguagem e de compromisso libertador.

Só gestos-sinais autenticamente significativos, eloquentes, coerentes, expressivos manifestam a solicitude da Igreja polarizada na evangelização e contribuem decisivamente para a realização da missão. De contrário, constituem autênticos obstáculos, verdadeiros contra-sinais que descredibilizam os agentes pastorais, desvirtuam a mensagem, confundem os destinatários e generalizam a convicção da insignificância da instituição eclesial.

A eficácia dos gestos, embora condicionada pela atitude dos agentes pastorais, depende das múltiplas resistências objectivas e reais à palavra de

¹⁷ Cf. Aldazábal, J. *Gestos y Símbolos*. Barcelona: Ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 2000, 6ª ed.

O autor apresenta uma iniciação séria à temática referida, a partir da envolvimento da pessoa toda na celebração e tendo como referência esquemática a função dos cinco sentidos. Tece um elogio à estética posta ao serviço da celebração.

Deus e da liberdade de resposta das pessoas envolvidas como destinatários. O respeito para com estas e o conhecimento daquelas constituem elementos fundamentais da atitude evangelizadora, hoje e aqui. A ousadia confiante, fruto da certeza de que o protagonista da missão é o Espírito Santo e de que o coração humano está naturalmente predisposto a acolher o Evangelho, há-de provocar um novo impulso de renovação espiritual em que brilha de modo especial o amor à palavra de Deus (DV 26), a maior sintonia com o mundo secularizado (GS 1) e o compromisso libertador em favor dos que procuram resposta para os desafios cruciantes de hoje (TMI 51).

GEORGINO ROCHA

Uma política para a terceira idade

Tal como se afirmava em muito popularizado inciso publicitário (a propósito de uma marca de automóveis), a terceira idade veio para ficar. De facto, a tendência para uma crescente representação das pessoas com mais de 65 anos de idade (constituindo o que se convencionou chamar a terceira idade) na população em geral não tem feito senão confirmar-se e revestir-se de maior peso relativo. Os cidadãos com mais de 80 anos (segmento etário que alguns propõem se designe por quarta idade) são também cada vez mais numerosos. Acusando os efeitos de uma vida exposta durante tempos cada vez mais longos às noxas ambientais (incluindo as tóxicas, microbianas e víricas) e ao natural desgaste de órgãos funcionando nos limites do prazo de validade biológico, esta população envelhecida recorre, cada vez mais, a cuidados médicos. Todavia, nem as profissões de saúde nem as instâncias responsáveis pela decisão política parecem ter plena consciência desta situação nova e tendencialmente mais acentuada. Contributos como o presente, desprezenciosos e superficiais que sejam, poderão ajudar a entender a preocupante situação, a alertar para riscos e custos e a gizar uma muito necessária política para a terceira idade.

Os factos

1. Demográficos

Como em quase todo o mundo (mesmo nos países em desenvolvimento), e sobretudo nos países europeus, a população portuguesa envelhece a olhos vistos, devido ao duplo fenómeno do prolongamento da vida dos adultos e da rarefacção dos nascimentos. Como é sabido, o balanço